

Os vencedores do IgNobel 2007

Os prêmios IgNobel reconhecem pesquisas que “primeiro fazem a pessoa rir e depois pensar”, conforme propõe a organizadora da honraria, a revista *Annals of Improbable Research*. Neste ano, o grande destaque entre as dez categorias foi o vencedor do IgNobel da Paz: uma pesquisa do laboratório da Força Aérea norte-americana para desenvolver uma bomba gay, arma química que provocaria comportamento homossexual nas hostes inimigas. Na categoria lingüística venceu uma equipe da Universidade de Barcelona por mostrar que ratos não conseguem distinguir a diferença entre uma pessoa que fala japonês de trás para frente e outra que fala holandeses do mesmo jeito. Na categoria nutrição, o vencedor foi Brian Wansink, da Universidade Cornell. Ele avaliou os limites do apetite ao alimentar voluntários com um prato que jamais se esvaziava. Entre os vencedores também figuram o uso de remédios contra impotência para combater *jet-lag* em roedores e a extração de baunilha de esterco.



LLOYD DEGRANE

Roger Myerson

Teoria do desenho de mecanismos



NECO VARELLAE

Mario Norberto Baibich: o primeiro pesquisador a medir o fenômeno

Autor principal

Físico radicado no Brasil foi co-autor de experimentos que renderam Nobel a francês



O físico Mario Norberto Baibich, argentino radicado no Brasil e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi o autor principal do artigo pioneiro, publicado em 1988 na revista *Physical Review Letters*, cujas descobertas e desdobramentos renderam o Nobel de Física ao francês Albert Fert. Trabalhando no laboratório de Fert na França, na Universidade Paris-Sul, Baibich realizou uma experiência que constatou a existência de um fenômeno chamado magnetorresistência gigante, que abriria caminho para a miniaturização de discos rígidos e a popularização dos microcomputadores. O alemão Peter Grünberg, que dividiu o Nobel com Fert, havia proposto o fenômeno em 1986.

A idéia de medir a magnetorresistência em amostras de cromo e ferro foi feita em conjunto por Baibich e Fert, que também assinou o artigo pioneiro. “No laboratório estavam fazendo testes com multicamadas de materiais magnéticos e não-magnéticos e me interessei, estimulado por Fert, em medir a magnetorresistência dessas camadas”, lembra Baibich. Ele identificou o potencial de multicamadas magnéticas ao utilizar 40 minúsculas placas empilhadas de ferro, um ma-

terial magnético, e de cromo, não-magnético. Percebeu então que o material escolhido e a distribuição em paralelo e alternada das camadas, submetidas a um campo magnético, reduziam em até 100% a resistência às correntes elétricas – a redução conseguida até então não chegava a 5%.

“Mostrei os resultados ao Fert e ele, em uma noite, teve a idéia de como explicar aquilo. Ele desenvolveu o modelo e fez as perguntas certas”, explica o físico da UFRGS, que não se sente injustiçado por não dividir o Nobel com o francês e o alemão. “O prêmio não é só pela descoberta, é por tudo que se fez em volta para levar a descoberta adiante. Eles mereceram mais do que eu, pois continuaram nessa linha de pesquisa e empurraram a coisa mais adiante.” Quando voltou ao Brasil, Baibich conseguiu prosseguir nas pesquisas – até hoje ele investiga a magnetorresistência gigante – mas não na velocidade que almejava. “Não havia equipamentos para fazer os filmes nanométricos e as pessoas acharam que eu estava querendo coisas muito dispendiosas. Meus pedidos de auxílio sempre encontraram muitas reticências. As coisas ficaram mais difíceis do que estavam sendo na França.” ■